



## **SEXUALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA SALA DE AULA QUE CELEBRA DIVERSIDADE POR MEIO DA ESCUITA ATIVA**

João Vitor Barroso da Silva <sup>1</sup>  
Alana Caroline Lourenço Calado <sup>2</sup>  
Luiza Fragoso Jacob <sup>3</sup>  
Pedro Metri Almeida Moreira <sup>4</sup>  
Mariana da Costa Paixão <sup>5</sup>

### **RESUMO**

O trabalho apresenta aspectos das ações desenvolvidas pela professora de Artes Visuais do CIEP 032 Cora Coralina - localizado no município de Duque de Caxias, na baixada fluminense do Rio de Janeiro - em parceria com estudantes de Licenciatura em Artes Visuais e bolsistas do projeto de pesquisa “Escola-Universidade-Escola: canais, conexões e intercâmbios na formação docente e na atualização escolar” em turmas de ensino médio do CIEP 032. Graças a uma dúvida inusitada de duas estudantes, foi apontado um desejo das turmas de discutir representatividade de gênero e sexualidade no cotidiano escolar. A partir deste interesse, ações pedagógicas foram planejadas e aplicadas, e sua observação crítica fez com que a professora e bolsistas refletissem sobre a possibilidade de construir uma ambiência dialógica entre educadores e estudantes como estratégia que promove a formação democrática e emancipatória, e a importância de tratar sobre a temática LGBTQIAPN+ na educação básica. Diante disso, a pesquisa discorre a respeito da relevância da escuta ativa e do debate sobre questões que atravessam o ser e o existir da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil à prática da arte educação e à formação de futuros professores. Partindo de um estudo de caso no CIEP 032, reflexões são propostas e discutidas por meio do que vivenciamos e observamos na escola e de referenciais teóricos, a fim de reiterar o dever da prática docente em prezar pela formação cidadã e pelo combate à intolerância.

**Palavras-chave:** Escuta ativa, Comunidade LGBTQIAPN+, Formação cidadã, Artes Visuais.

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [joaovb02@gmail.com](mailto:joaovb02@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [alana.calado9@gmail.com](mailto:alana.calado9@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [luizafj22@gmail.com](mailto:luizafj22@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [pedrometri@yahoo.com](mailto:pedrometri@yahoo.com);

<sup>5</sup> Professora orientadora: Mestra pelo Programa Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Colégio Pedro II - CPII, [maripaixao88@gmail.com](mailto:maripaixao88@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

O Laboratório de Ensino da Arte UDT<sup>6</sup> LEA, do Departamento de Ensino de Arte e Cultura Popular (DEACP) do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desenvolve desde 2022, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio do edital para a Melhoria das escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, um projeto de pesquisa que investiga relações entre a educação básica e o ensino superior e de que como a universidade e as escolas podem contribuir com ambos espaços de formação incidindo diretamente na formação de professoras/es de Artes Visuais, intitulado “Escola-Universidade-Escola: canais, conexões e intercâmbios na formação docente e na atualização escolar”.

Foi através deste projeto que quatro estudantes de licenciatura e bolsistas de iniciação científica passaram a acompanhar regularmente as aulas da professora de Artes Visuais do CIEP 032 Cora Coralina, Mariana Paixão, que ministra para turmas do primeiro e segundo ano do ensino médio.

Na última terça-feira de fevereiro de 2023, as bolsistas se encontraram com as turmas da professora pela primeira vez, e assim puderam conhecer os estudantes, participar da proposta de atividade do dia e, durante os intervalos, discutir com a professora detalhes do calendário das aulas e o conteúdo que pretendiam trabalhar durante o semestre. No entanto, todo o planejamento curricular que Mariana vinha formulando ganhou novos rumos a partir da fala de duas estudantes. Durante a aula, elas chamaram a professora como se estivessem com alguma dúvida em relação à atividade do dia, mas, ao invés disso, fizeram um questionamento relacionado à diversidade de gênero e sexualidade. A conversa se estendeu à turma, que demonstrou um desejo de desenvolver aquele conteúdo em sala de maneira extensiva. E assim foi conjuntamente decidido.

A presente pesquisa busca destacar aspectos da atuação da professora e das bolsistas do projeto Escola-Universidade-Escola diante da questão das alunas no contexto das aulas de arte, que surgiu a partir da construção de um ambiente educacional pautado na escuta ativa e que respeita e valoriza o protagonismo juvenil, reforçando a importância de tratar sobre questões relativas à sexualidade, identidade e expressão gênero na educação básica de maneira engajada e emancipatória.

---

<sup>6</sup> Unidade de desenvolvimento tecnológico - UERJ

## REFERENCIAL TEÓRICO

Entre os anos de 1999 e 2015, um dos programas televisivos de comédia com maior audiência nacional foi o Zorra Total, transmitido pela Rede Globo. Entre seus inúmeros quadros, havia um interpretado pelo ator e comediante Paulo Silvino, no qual seu personagem, Severino, interagia em cena com outros personagens masculinos que não desempenhavam um ideal normativo de masculinidade esperado por ele, que levava o público às gargalhadas ao lançar seu famoso bordão: “Isso é uma bichona”.

Programas e quadros como este eram muito comuns até pelo menos a segunda década deste século. O Seu Peru da Escolinha do Professor Raimundo, interpretado pelo ator Orlando Drummond, é outro exemplo de personagem que se apoia numa dimensão plasmada do homossexual, reduzido a uma projeção de sua sexualidade a qualquer homem que desejasse. Personagens LGBTQIAPN+ - ou mesmo figuras que não se portavam segundo uma regra de conduta moral ou comportamental que fundamenta a lógica dos papéis de gênero héterocisnormativos - tiveram seu lugar bem definido na mídia, assim como na sociedade. Na música, à travesti Geni de Chico Buarque restava o escárnio e a humilhação. Uma música que também retrata uma prostituta, nicho o qual historicamente restava às mulheres trans e travestis. Nas animações, novelas e nos cinemas, personagens desenvolvidos de maneira caricata ou eram vilões e vilãs, ou detinham finais tristes e solitários - às vezes os dois. Fica evidente a impossibilidade de felicidade à vidas LGBTQIAPN+, especialmente àquelas inseridas em contextos sociais conservadores (considerando um espectro que pode ir da família ao país, e que não são excludentes, criando histórias sufocadas e recalçadas em suas pulsões, lhes proibindo a possibilidade do gozo no sentido psicanalítico de Freud).

Pensar o lugar de pessoas gênero e/ou sexualidade dissidentes na sociedade brasileira é, a gerações, pensar num lugar de perigo, embate e resistência. Em diversas instâncias da vida cotidiana: na rua, em casa, em instituições religiosas, na mídia, na arte, e até mesmo nos espaços onde se propõe formar cidadãos e cidadãs, nas escolas. Segundo dados apontados pela Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil, realizada em 2016 pela ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos), 60% dos estudantes LGBT's sentem alguma insegurança em relação ao ambiente escolar devido à sua sexualidade, e 43% devido à identidade/expressão de gênero. Ainda de acordo com a pesquisa, 73% dos estudantes LGBT's já sofreram alguma agressão verbal e 27% física por conta de sua sexualidade, e 68% já foram vítimas de violência verbal e 25%

física por conta de sua identidade/expressão de gênero, comprovando o quanto o ambiente escolar pode ser hostil para comunidade LGBTQIAPN+. Dessa maneira, fica clara a urgência pela sensibilização da comunidade escolar em relação à essas corpos.

### **3.1 COMO ABORDAR QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM SALA**

Diante dessa percepção, surge uma dúvida: de que maneira?

Como apontado por Sara Wagner York e Leonardo Nolasco, o lugar de discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas é normalmente delegado às ciências biológicas, que analisam o comportamento sexual e as definições de gênero dos indivíduos a partir de uma ótica biologizante, e não social, cultural, histórica e política, o que descomplexifica o debate, tornando-o incapaz de combater o preconceito social que permeia instituições escolares e uma sociedade que se esforça em manter uma performatividade de gênero hegemônica (YORK; NOLASCO-SILVA, 2022, p. 19). Ou seja, ignorando os desafios do cotidiano escolar.

Tratar destes temas em sala de aula permite que os estudantes possam se posicionar de maneira crítica perante os preconceitos sociais e construir uma vivência socialmente mais inclusiva e confortável para os grupos minoritários. A escola é capaz de proporcionar um espaço seguro e controlado para debater valores democráticos de forma a garantir os direitos das minorias em sua plenitude, tanto quanto daqueles que se identificam/são identificados como uma maioria. O espaço para essas questões é assegurado pela Base Nacional Curricular, como parte de um plano educacional que apresenta um texto sensível à integração das minorias e redução da violência contra elas. Bell Hooks, em seu livro “Ensinando a transgredir”, ressalta a importância da escola como um lugar para expandir o horizonte de possibilidades de existir que podem ser limitadas pelas famílias. Bell Hooks deixa nas entrelinhas desse discurso um esforço que o educador deve ter para infundir-se na vida em formação dos jovens, ou seja, compreender as questões de suas realidades. Em suas próprias palavras:

“Ao longo dos meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não

permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo.” (HOOKS, 2017, p. 25)

### **3.2 ESCUTA ATIVA E CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA DE UMA SALA DE AULA EMANCIPATÓRIA**

A criação de um espaço onde as opiniões e os apontamentos do corpo discente fossem escutados e levados em consideração dentro do ambiente escolar foi encarado, mais do que nunca, como uma necessidade. A maioria dos jovens buscam um lugar para poder expressar sua forma de viver e ver o mundo, que, nessa faixa etária é cheia de dúvidas sobre como se colocar e se encaixar na sociedade, seja por cobrança do próprio meio social, por cobrança interna do próprio jovem ou da união dos dois, e é preciso que esses conteúdos façam parte do currículo escolar.

"É importante que os professores redimensionem suas ações e possam incluir neste processo não só a condição de desenvolver a habilidade cognitiva dos alunos, mas também, a social, a motora e a emocional, criando oportunidades para que os alunos vivenciem atividades que favoreçam a solidariedade, a cooperação e o respeito, para poder lidar com a frustração, com os seus limites e também com o limite da coletividade." (SALVADOR, 2007, p. 250)

É desse interesse em estimular o protagonismo juvenil e promover um ambiente de sala de aula onde o diálogo prevalece que se baseia o princípio da escuta ativa: "uma escuta atenta ao que o outro diz, um esforço de compreendê-lo, um apoio não verbal e um perguntar investigativo do pensamento do aluno." (MILANI, 2017, p. 48).

No caso do CIEP 032, logo nos primeiros encontros foram propostas atividades para que os estudantes interagissem entre si e com as figuras de "autoridade" em sala de aula, desenvolvendo empatia e reconhecimento nas histórias uns dos outros. Na primeira atividade, cada estudante deveria escrever uma carta para o seu eu do futuro; essas cartas não seriam lidas por colegas de classe e nem seriam apresentadas, e sim guardadas junto com a professora da turma, que as devolverá no final do ano letivo. Atividade que, apesar de parecer simples à primeira vista, quando é posta em prática mostra sua complexidade, uma vez que dessa forma os jovens se encontram tendo que encarar o seu passado, momentos tristes, momentos que os deixam com raiva, mas também momentos felizes. Um processo vulnerável

onde se tem a palavra e a expectativa de dividir. Mesmo quem optou por não compartilhar sua carta com a turma, deixou transbordar certa emoção, que muitas vezes não queremos acessar em público. A resposta da turma foi acolhedora: a maioria dos estudantes fez a proposta e até alguns que, de início, apresentaram determinada resistência, acabaram colaborando com a atividade.

Na dinâmica proposta no encontro seguinte, cada estudante levou para a aula um objeto importante para si com o objetivo de se apresentar à turma por meio deste, contando o motivo de o ter escolhido. A professora e os bolsistas também levaram objetos para que pudessem abrir a fala, para somente depois ser a vez dos estudantes, que, ao já terem escutado e comentado sobre as histórias apresentadas, estavam mais à vontade para falar sobre si próprios.

Em sala de aula, a figura de autoridade costuma ser vista como inquestionável, entretanto, cada vez mais esse papel inflexível vem sendo problematizado. Ao oferecer ao estudante um espaço acolhedor e aberto para que ele faça críticas e participe ativamente do currículo e do conteúdo de sala de aula, pode estimulá-lo a questionar e até mesmo informar a respeito de experiências que o educador desconhece - ensinando o professor. Numa primeira impressão, nos chamou a atenção como determinados alunos ofereceram resistência. Porém, como apontado anteriormente, garantir uma escuta ativa não necessariamente implicará em um engajamento prolixo por parte de todo corpo discente. É importante que o docente não se sinta pessoalmente desapontado por não obter uma participação idealizada. Tal idealização não parece ser muito diferente daquela que instaura preconceitos ao não corresponder aos requisitos do aluno ideal. Cada estudante vivencia seu processo de formação de modo único. Mostrar disponibilidade e ser reconhecido pela escuta ativa é criar as condições para que o aluno possa de fato ter uma escolha que não se sinta constrangido.

## **METODOLOGIA**

As pautas de gênero e sexualidade foram abordadas pela professora Mariana Paixão e pelas bolsistas FAPERJ por fases. Na primeira, foi apresentado aos estudantes um conteúdo teórico composto por textos e imagens com explicações sobre a sigla LGBTQIAP+, identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero. A aula abriu espaço para debates e questionamentos, dúvidas de naturezas diferentes, além de discutir intolerância e LGBTfobia. Assim, o conteúdo não foi apenas exposto aos alunos, mas construído juntamente a eles.



Fonte: Imagem com cena da aula em que se foi debatido questões de gênero e sexualidade.

## 5.1 O CARNAVAL COMO METODOLOGIA

Em seguida, iniciou-se a fase prática, em que figurinos de carnaval recebidos em forma de doação pela escola de samba Unidos de Vila Isabel foram desmontados e recriados pelos estudantes a fim de criar novos figurinos, desta vez relacionados à pauta LGBT. Nesse momento tivemos uma série de debates pedagógicos para justificar nossa estratégia de ação através da linguagem do carnaval para tratar do tema proposto por alunas da própria turma sobre conscientização LGBTQIAPN+. O carnaval das escolas de samba tem uma história indissociável e feita por pessoas LGBTQIAPN+, e coloca em cheque o verniz da representação de gênero, quando aos corpos é permitido quebrar as rígidas regras dos papéis de gênero tradicionalmente instituídos. O samba já foi ilegal.

Homoafetividade é considerada ilegal em alguns países. Ou sinal de vergonha em muitos contextos. Ou seja, ilegal ou não, há um cancelamento, ou risco de ter que passar por isso. Há uma dimensão punitiva, que também acontece por via do escárnio, como levantado acima através de personagens caricatas que reforçam estereótipos negativos. Como resposta, a ideia da celebração com a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ em diversas cidades ao redor do mundo, viabiliza uma ocupação do espaço público nesses lugares que não é garantida no resto dos dias do ano. É uma manifestação em que corpos dissidentes se fazem sentir e gritam que

existem como parte irredutível da sociedade. A comunidade fala por si. Não aceitam mais recalcar pulsões de amor e de gozo (SKLAR, 2011, p. 21). Apesar disso, a invisibilização e a auto invisibilização ainda são compulsórias em muitas realidades. Tanto o samba como a parada LGBTQIAPN+ tem um ativismo que usa da celebração, do humor e inteligência para conscientização a favor de uma sociedade menos preconceituosa. Com isso, casar o tema proposto em sala (na prática da escuta ativa, em que os alunos contribuem na construção da fundação das aulas) com uma prática artística que explore os figurinos doados pela Vila Isabel se torna uma experiência pedagógica potente de abertura para diálogos e criatividade.

A divisão dos figurinos se deu de acordo com os grupos, sendo quatro por turma, totalizando doze grupos. De início foram criados croquis que dialogassem com o universo LGBT, fosse nas cores das bandeiras ou na inspiração em alguma personalidade famosa. Com os nomes dos trajes e as descrições criadas, iniciou-se o contato direto com os adereços, que foram escolhidos e divididos entre os grupos para que fossem usados na customização de novos figurinos.

Cabe também apontar que o uso dos figurinos da Vila Isabel tiveram um outro desdobramento voltado para a materialidade dos figurinos. Ao desconstruir as fantasias, a surpresa e curiosidade dos alunos foi em grande parte por conta dos materiais alternativos para criar as fantasias. O uso de materiais baratos e de fácil acesso como saco plástico de mercado e plástico de garrafas pet para obter determinados efeitos pela escola de samba ajudou os alunos tanto no desenho dos croquis, como também na construção das fantasias.



Fonte: Cena dos estudantes desmontando os figurinos doados pela Escola de Samba Unidos de Vila Isabel.



As turmas - que sofreram com uma interrupção devido à greve dos professores do estado do Rio de Janeiro - trabalharam ao longo de meses para que chegassem à última fase: o desfile dos figurinos. Pautando a diversidade e o combate ao preconceito, o desfile marca a conclusão da atividade e a criação de um ambiente que promove respeito, diversão e acolhimento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

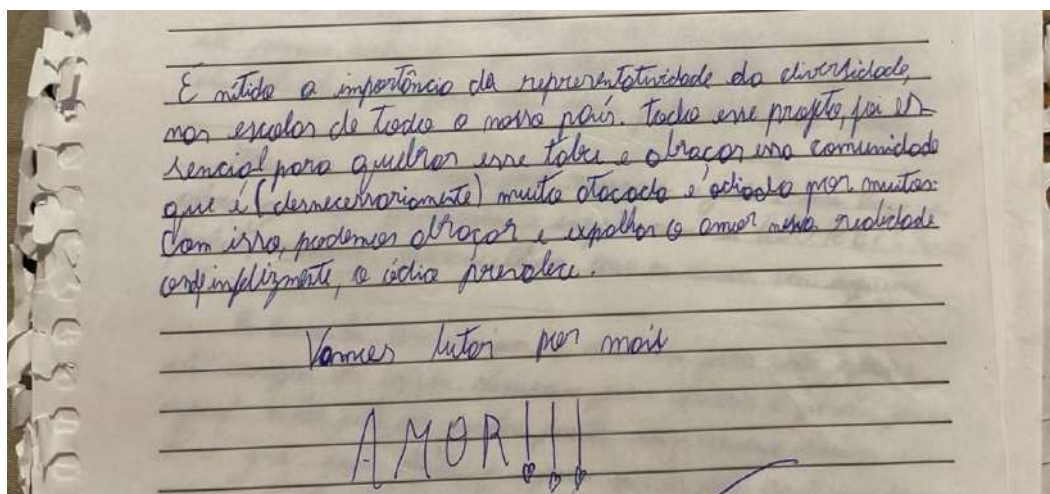
O desfile foi estonteante. Muita música, cor e vibração preencheram a quadra de esportes do CIEP 032 Cora Coralina. A escola fez questão de prestigiar quem desfilava; a arquibancada ficou lotada, inclusive de estudantes de outras turmas, o que reforça o interesse da comunidade escolar pela festa e pela temática trabalhada.



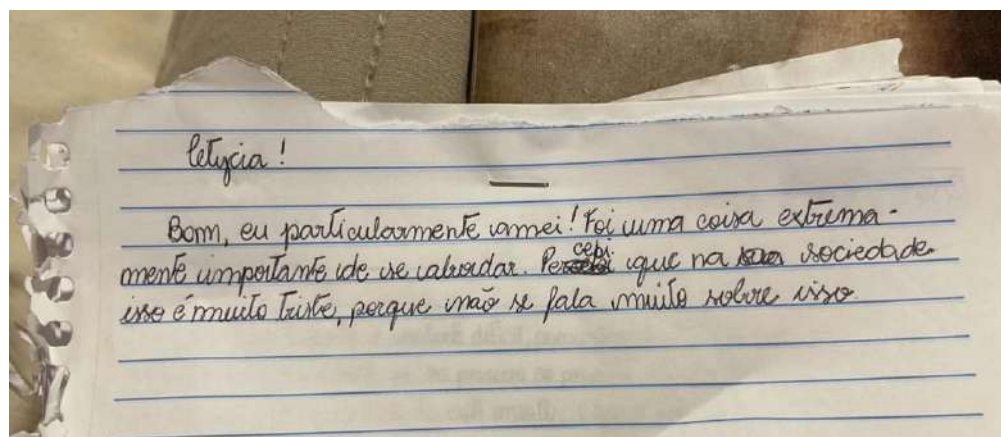
Fonte: Cena do dia do desfile com os estudantes e figurinos.

O que mais chamou a atenção da professora e das bolsistas foi perceber que discutir sobre um tema que inquietava os estudantes, a partir da escuta ativa, valorizando a troca, sem julgamentos ou tabus - de fato como em um diálogo -, fez com que as rodas de conversa, dinâmicas e atividades fossem encaradas com interesse e seriedade, o que nos permite concluir o quão apropriada pode ser esta postura para tratar de temas tão significativos como os de ordem sócio-política.

Na semana seguinte ao desfile foi solicitado que os alunos escrevessem alguma consideração acerca da temática trabalhada e da montagem dos figurinos, e as respostas novamente nos atestaram do quanto foi necessário tudo o que foi vivenciado ao longo do semestre no CIEP como vemos pela satisfação que os alunos sentiram em relação ao evento expressada em seus testemunhos.



Fonte: Parágrafo escrito por aluna a respeito do projeto.



Fonte: Parágrafo escrito por aluna a respeito do projeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é possível concluir que o projeto evidenciou o interesse dos estudantes da escola parceira em tratar sobre gênero e sexualidade em sala de aula, a relevância que abordar temáticas de ordem sócio-política possui para o combate à intolerância dentro e fora das escolas e o quanto ouvir os estudantes, seus anseios e angústias, de maneira aberta e acolhedora, é fundamental para a construção de um projeto educacional democrático.

No entanto, para além do vivenciado no projeto, é importante ressaltar que a escuta ativa e os debates acerca de gênero e sexualidade devem ser constantes no dia a dia, para além de um planejamento de semestre. Fazer da escola um lugar onde todas as vozes são acolhidas e estudantes LGBTQIAPN+ se sentem seguros deve partir de um projeto político-pedagógico engajado e um esforço contínuo e cotidiano de todos os agentes escolares.

Sem dúvidas, a análise dos resultados permite concluir que a trajetória trilhada no CIEP 032 Cora Coralina foi exitosa. Com informação e samba no pé, os estudantes realizaram um desfile onde o respeito foi o abre-alas e a diversidade o samba-enredo, provando que campeã é a escola que constrói, com escuta e afeto, valores e cidadania.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à FAPERJ pelo financiamento, ao CIEP 032 Cora Coralina pela receptividade e aos bolsistas, receptores e coordenadores do projeto de pesquisa Escola-Universidade-Escola pela orientação, carinho e apoio.

## **REFERÊNCIAS**

AMARO, Ivan. A docência no armário: o silenciamento das relações de gênero nos planos de educação. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6998>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BORGES, João Victor. LGBTQIA+ & negritude – Em um contexto de violência negação de afeto, tem como não adoecer? **Bem estar digital**, 26 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.bemdoestar.org/artigos/lgbtqia-e-negritude>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

CAMERON, Julia. **A arte da escuta**: desenvolvendo a criatividade pela prática da atenção. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16<sup>o</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MILANI, Raquel. 'Sim, Eu Ouvi o que Eles Disseram': o Diálogo como Movimento de Ir até Onde o Outro Está. **Bolema**, Rio Claro, v. 31, n. 57, p. 35-52, abr. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-4415v31n57a02>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

OLIVEIRA, Amurabi. Marcas da Diferença no Ensino Escolar. Richard Miskolci (org.). **Cadernos Pagu**, n. 40, 2013. p. 359-368. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000100012>> Acesso em: 30 ago. 2023.

SALVADOR, Marco A.Santoro. Corpo e controle no cotidiano escolar: desafios na construção do conhecimento. In: Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 11., 2007, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: UFF, 2007, p. 246-256.

SKLAR, Sergio. **A Pedagogia Freudiana**. Rio de Janeiro: Editora Pod, 2011.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

SOLER, Reinaldo. **Jogos cooperativos**. 3<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

YORK, Sara Wagner; NOLASCO-SILVA, Leonardo. Escola para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gêneros e sexualidade. In: YORK, Sara Wagner; NOLASCO-SILVA, Leonardo; SILVA, Sérgio Luiz Baptista da Silva. **Gênero e Sexualidade na Educação**: Uma Perspectiva Interseccional. Rio de Janeiro: Devires, 2022.